

STELLA

Revista Trimestral | Nº 696 | Ano LXXXIII | Outubro a Dezembro | 2019



**BREVE CARATERIZAÇÃO DE FÁTIMA
JUBILEUS: OURO E PRATA
NOVA OPORTUNIDADE COM A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**

ÍNDICE STELLA

FICHA TÉCNICA

Fundador:

Padre Manuel Nunes Formigão

Editora e Proprietária:

Congregação das Irmãs Reparadoras
de Nossa Senhora de Fátima
www.reparadorasfatima.pt
Tel.: 249 539 240

Diretora:

Inez Vieira

Assessores de redação:

Ana Ferreira
Clara Marto
Nuno Prazeres
Rafael Marques

Redação e Administração:

Rua Francisco Marto, 203
2495-448 FÁTIMA – Portugal
Tel.: 249534767
E-mail: stellaredacao@gmail.com

Assinaturas:

Anual: 10 €
Amigo e Estrangeiro: 20,00 €
Pagamento Adiantado, no início do ano,
por vale, cheque ou transferência bancária:
SANTANDER TOTTA
NIB: 0018 2257 00477331020 86
IBAN: PT50 0018 2257 00477331020 86
SWIFT / BIC: TOTAPTPL

EJ nº 212378 – Registo ERC 112380
ICS Depósito Legal nº 89333/95
NIF: 500835560

Design Gráfico:

Cátia Lopes de Freitas

Impressão:

Gráfica Almondina – Torres Novas
Tiragem: 2000 exemplares

Capa: Foto STELLA – Doce coração florido de Maria. Avé "Stela Maris" refúgio e salvação de quantos navegam em alto mar da vida. Exposição comemorativa do centenário: Capela Múndi - BSST

Com aprovação da autoridade eclesial

Estatuto Editorial:

<http://www.reparadorasfatima.pt/revista-stella>



02 - 03 | Ficha técnica | Índice | Editorial

Fátima, Stella Mundi

04 - 05 | Rezar com os Pastorinhos de Fátima | Augusto César

06 - 07 | Francisco Marto, peregrinação interior | Pedro Valinho

08 - 09 | Capelinha das Aparições, lugar de Devoção | Sónia Vazão

10 - 11 | Breve caracterização de Fátima III | José Poças

Fé e Vida

12 - 13 | Atualidade Eclesial – Atividade Internacional da Santa Sé IV
| Manuel Saturino Gomes

14 - 15 | Roteiros – Caminhos de Fátima | Inez Vieira

16 - 17 | Mártires de Guiúá – Fama de Santidade | Paulo Aido

18 - 19 | Outubro 2019 – mês missionário extraordinário | Gertrudes Ferreira

Venerável Pe. Formigão, o Homem e a Obra

20 - 21 | O venerável Pe. Formigão: O Múnus Sacerdotal – A Eucaristia
| José Cordeiro

22 | Jubileu de Ouro | Alzira Valentim

23 - 25 | Testemunho Vocacional | Cristina Macrino

26 - 27 | Missionária a caminho | Lídia Branco

28 - 29 | O desejo de seguir Jesus Cristo | Joana Ramos

Olhares da Stella

30 - 31 | Nova Oportunidade com a IA | Teresa Lago

32 - 33 | Sou um peregrino nesta terra | Carla Ramos

34 - 35 | Publicidade



Caros amigos!

Vimos.

Chegámos há pouco de um tempo de descanso, o mesmo é dizer que alguns de nós, conseguimos na relação saudável com os outros, um tempo dilatado onde os ponteiros do relógio não marcaram o tempo de trabalho. E ao encontrarmo-nos connosco mesmos encontramos-nos com Deus no sentido de se estar com o Amor, porque Deus é Amor. Tudo aquilo que integra a pessoa e a relaciona bem, faz descansar.

A beleza da vida religiosa também é ordem, é o esplendor do ser, o deslumbramento da conjugação de todos os aspetos que podem levar-nos ao êxtase e à contemplação, sim porque o tempo de descanso é também uma paragem para ver e contemplar a beleza, e a beleza da fé. Na vida de especial Consagração, também se vivem momentos de fraternidade no encontro com a família, os amigos de sempre e com os que estão mais longe.

A pressa e o stress faz-nos pouco contemplativos, vemos muitas coisas mas não entramos nelas. Uma coisa é olhar para o mar ou olhar do alto da montanha outra coisa é «entrar» na paisagem para que possa fazer parte de nós, e entrarmos nessa realidade. A beleza descansa muito, desde a beleza natural, a beleza das ações ou a beleza do pensamento criativo.

Vimos de encontrar espaço de busca onde nos tornamos mais nós, onde somos nas relações, na comunhão, mas também, com tempo de estar só, com um bom pensamento que nos envolve, ou uma paisagem que nos alarga o coração para a festa da plenitude do caminho que fazemos em comunhão com os outros.

As atitudes orante e reparadora da espiritualidade de Fátima recebem a sua seiva da alegria por tanta beleza e pelo gozo do amor que se faz misericórdia. A alegria dá todo o sentido ao testemunho de quatro irmãs que sentindo-se amadas por Deus, até um extremo inimaginável, imprimem, de per si, nesta edição o seu sentir do primeiro chamamento, do vigésimo quinto e do quinquagésimo ano de consagração religiosa.

A expressão festiva da experiência religiosa que se pode observar no contexto sagrado de um Santuário, como é Fátima, como é Jerusalém, até onde a "família STELLA" este ano peregrinou, entende-se enquanto estiver referida a um desejo da existência com Sentido. Jerusalém, tornou-se para nós lugar de peregrinação e de articulação existencial do Sentido do Ser, com a presença e ajuda espiritual do Sr. Pe. André Batista, a quem muito agradecemos o feliz acompanhamento.

Esta envolvimento acontece ainda quando na vida de uma Congregação se celebra em festa, a memória da sua aprovação Canónica, com as consagradas, com muitos amigos em que se assinala o essencial que todos procuramos no nosso íntimo, quando se faz a experiência do Amor, mergulha-se no mistério da fé que traz a certeza do amanhã.

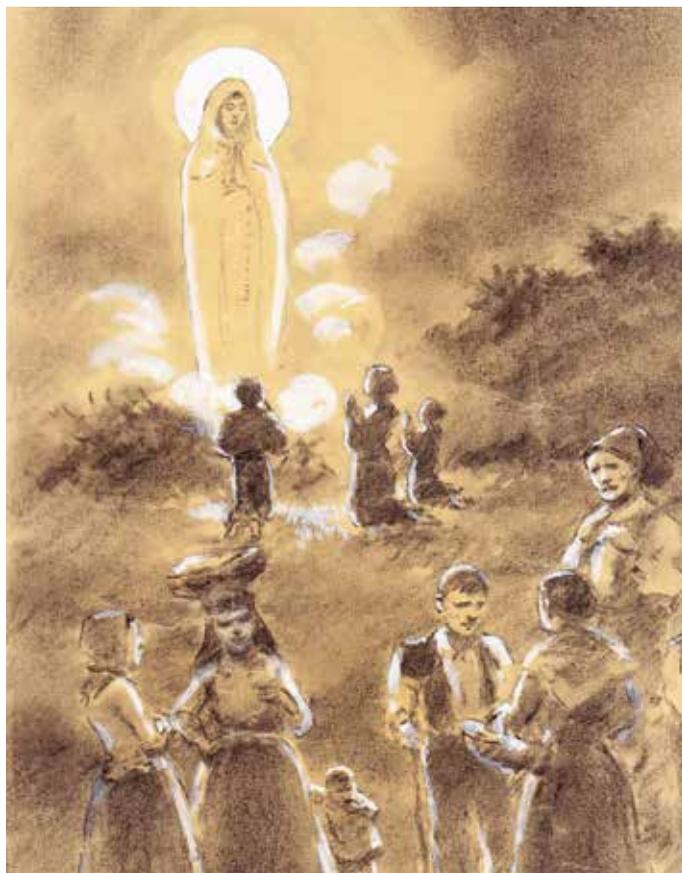
Deus dialoga com a história, de dentro da história, e os dinamismos culturais e sociais são tomados por Deus e tratados no âmago da sua misericórdia, como proposta libertadora, por isso introduzimos um apontamento sobre a IA.

A benção de Deus para todos!

MIV, rf

Rezar com os Pastorinhos de Fátima

AUGUSTO CÉSAR



Presença dos pais do Francisco, da Jacinta e da Lúcia.

Ao jeito da família

Nossa Senhora, passando os olhos pelos Valinhos, ao fim da tarde, ouviu o murmúrio da oração que se fazia em família. Os pais rezavam sentados, rodeados pelos filhos... e estes, faziam-no de pé, para não adormecer. Algumas vezes, também se juntavam as vozes de uma ou outra família, fazendo coro de vizinhança. E o murmúrio espalhado pela serra... tinha sabor a melodia de fé.

O Anjo de Portugal ouviu igualmente o eco da oração e atraiu-o até ao céu! A seguir, foi surgindo uma 'Mensagem' que se tornou conhecida em todo o mundo e que atraiu a curiosidade de imensos peregrinos.

Nossa Senhora dando-se a conhecer como "Nossa Se-

nhora do Rosário de Fátima", estimulou este modo de rezar. Valendo-se do Rosário ou do Terço – como era habitualmente conhecido, fez dos Pastorinhos uma 'parábola viva', ao ensinar o modo de passar as contas e de rezar cada mistério, a favor da conversão dos pecadores.

E, assim, o 'murmúrio da serra' passou a ser igualmente o da multidão, que chegava de todos os lados... Pouco a pouco, começou a ouvir-se, também em numerosos Santuários dedicados a Nossa Senhora de Fátima, espalhados pelos diversos continentes.

Ao jeito de crianças inocentes

Os Pastorinhos eram oriundos de famílias sãs e de ambiente simples. A Lúcia nasceu primeiro... e em 1917, já andava na escola; o Francisco e a Jacinta vieram depois... e gostavam de conviver com a prima. Devido ao jeito que se vivia nos Valinhos, as famílias encontravam-se a cada passo e os filhos brincavam juntos e comiam, muitas vezes, na casa uns dos outros e, também despertou neles a vontade de guardar juntos, os pequenos rebanhos de família... Habitualmente, organizavam a saída na direção da Cova da Iria, onde os pais da Lúcia tinham alguns terrenos cultivados.

Foi ali que aconteceu a grande manifestação do Céu. Porém, a primeira surpresa acontecera na Loca do Cabeço, quando o Anjo se aproximou das três crianças, lhes ofereceu a Sagrada Eucaristia e começou a rezar com elas algumas orações, que haviam de ficar como eco das aparições. Assim: *"Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam"... "Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo corpo, sangue, alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido; e pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores"*.

Em breve, estas orações começaram a fazer caminho ao lado do rebanho, dando lugar a algumas paragens e ao gesto repetido pelo Anjo: *de joelhos e inclinado até ao chão!* Começaram a aproximar-se do Sacrário da sua Igreja Paroquial, de "Jesus escondido" – como os Pastorinhos diziam. E com o

[Foto_ Stella]



Anjo ensina a atitude de prostração.

alento vindo do céu, com a sua oração, perfumaram a pequena “azinheira”, onde Nossa Senhora mostrou o Seu carinho pelas crianças e a ternura da Sua Mensagem.

A **“Senhora mais brilhante do que o sol”** veio encher de luz a Cova da Iria e de entusiasmo os Pastorinhos, a oração ganhou nova vida, apontando *“Jesus escondido”* como lugar de atração e confiança e o Terço como sinal visível de doação e entrega. Estes gestos das três crianças granjeiam uma admiração singular. Quanto mais vão saboreando o carinho dos pais e da família e acompanhando o ritmo das Aparições, mais se vão entregando com inteira generosidade, sem reservas àquele ‘Sorriso do Céu’! Escreve a Lúcia: *“Deus revela-se como um mar imenso, onde nós mergulhamos e, daí, nunca mais saímos”!*

Ao jeito de contemplação

Nossa Senhora dialoga com os Pastorinhos e vai-lhes propondo o caminho da generosidade apostólica e da santidade e pergunta: *“estais dispostos a aceitar tudo o que o Senhor vos mandar?”* – *Sim estamos!* – *Então, dizei assim: “Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”!* Os Pastorinhos não só se mostraram disponíveis, como acrescentaram inteiramente motivados: – *“nós nunca havemos de pecar”!* A oração tornou-se vida e o sofrimento apostolado: rezavam o Terço com fervor, ao longo do dia, ofereciam-no pela conversão dos pecadores e a doença valia com o oferecimento generoso e elevação do coração.

Quer dizer: as contas do Terço abriam caminho de esperança até ao Céu, passando pelos pecadores em jeito de apelo à conversão. O sofrimento significava o abraço oferecido generosamente, que a Mãe acolhia com afeto e encaminhava para Deus. Entre os três, o murmúrio era dito assim: – *Nossa Senhora vem buscar-nos brevemente... Então, uma vez no céu, lembra-te de nós e daqueles que nos pedem... Pede-o, antes, à Jacinta, pois eu tenho medo de me esquecer, ao ver Jesus tão triste, por causa dos pecados do mundo... E, olha, tu não reveles a ninguém o segredo.*

Esta abnegação tão serena e assim partilhada, não só os aproximava do encanto do Céu, como atraía o afeto da família, através da esperança e da gratidão. Depois da canonização do Francisco e da Jacinta, ninguém poderá duvidar do testemunho destas crianças, nem dos escritos que a Lúcia nos deixou. O nosso melhor modo de agradecer, é imitar.

Rezemos o Terço todos os dias ao som do convite da Mãe do Céu!

Rezemos como os Pastorinhos: *“Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria”!*

Os Pastorinhos são para nós, um grande estímulo!

Dom Augusto César
Bispo Emérito da Diocese Portalegre – Castelo Branco.

Francisco Marto, peregrinação interior

PEDRO VALINHO

Que me seja dado escrever sobre este menino de Deus nesta circunstância particular da minha vida só o posso ler como uma feliz bênção: não exagero se digo que o Francisco foi a minha porta de entrada em Fátima; a figura deste rapaz escondido entre as linhas das *Memórias da Irmã Lúcia* foi o que me converteu da suspeita com que, do alto da minha edificação teológica, lia e desconsiderava o acontecimento de Fátima; foi o apagamento deste menino que, melhor do que tudo o mais, me fez notar aquilo que eu viria depois a repetir vezes sem conta, para que não me esqueça nunca, que Fátima não traz coisa nova, traz a Boa Nova. Foi o Francisco quem, no silêncio, me ensinou que o que na Cova da Iria lhe aconteceu a ele, à sua irmã e à sua prima em 1917 foi uma *lectio divina* que a Igreja haveria de rezar na história do seu compromisso com o Reino.

Que peregrino foi Francisco Marto?

Por algum motivo – talvez por a vida do Francisco ser a de um menino simples e tão igual à de tantos meninos, mesmo se tão diferente, – a pergunta sobre a peregrinação do Francisco sugere-me um mapeamento da geografia íntima da vida cristã. Perguntar sobre a peregrinação do Francisco é perguntar-me também sobre a minha peregrinação e sobre os passos do caminho interior daqueles que assumem que nada os identifica melhor – nem a raça, nem o sexo, nem a cultura, nem a geografia e as suas fronteiras – do que viver por Cristo, com Cristo e em Cristo.

Desconfio das mais comuns definições de “peregrinação”, dessas que fazem do ato de peregrinar uma «viagem a um lugar santo, por devoção ou promessa», que a classificam, certamente por influência de um imaginário literário de outros tempos, como uma «excursão por lugares longínquos ou considerados exóticos» ou que a tratam até de forma figurada como uma «viagem longa e cansativa». Se corremos as páginas de um dicionário, é isto que ali se diz ser a peregrinação. Para mim, peregrinar é abeirar-me de Deus. É um desejo irreprimível do colo materno que Deus oferece. É um «querer voltar para os braços de minha mãe», como diz a canção em tom de saudade. Sim, peregrinar é um ato de saudade.

O que este menino do interior ensina é que peregrinar



Aparição do Anjo aos Pastorinhos no Poço da Lúcia

nar na fé é caminhar por dentro, ao encontro do Olhar silencioso que fez repousar sobre ele a sua amizade. Sabemos bem que, quando se peregrina, não são os pés que merecem maior cuidado, mas o coração. O caminho que conta, as curvas e contracurvas, os obstáculos, os recuos e os atalhos, os tropeços e as quedas, os calos, as bolhas e as feridas, a coragem e a esperança, o reerguer, o olhar em frente, o avançar são etapas de um caminho que deixa marcas nessa pele interior que diz a identidade do homem de uma forma mais profunda do que qualquer exterioridade. O peregrino sabe que a peregrinação

[Foto_Stella]



não se mede ao quilómetro. O quilómetro não é unidade de medida apropriada para o que quer que seja na vida interior. Quantos quilómetros não terá feito a Marta do evangelho para fazer tudo quanto agradasse ao Mestre, apenas para dele escutar que o essencial escapa à tarefa multiplicadora de afazeres. É a Maria do evangelho, aquela que se senta aos pés de Jesus, aquela que encontra o colo materno, aquela que tem saudades do futuro de Deus, quem peregrina de facto.

A princípio é simples: é o assombro que cega como a luz do sol. É simples porque não é tarefa nossa. Somos

visitados. O Francisco foi visitado. A ternura de Deus teve a forma de um jovem vestido de luz que parecia ser um anjo. Na verdade, tudo o que vale a pena na vida começa assim, num encontro gratuito e iluminado, numa visita que leva ao espanto, que nos ofusca ao ponto de, de aí em diante, nada vermos se não essa luz. Naquele dia de primavera de 1916, o Francisco olhava essa figura angélica tão bela e ouvia sair dos seus lábios o som de um silêncio que o cativou. Era a Luz quem lhe falava em silêncio com palavras que não se dizem, que não se podem dizer nunca, como dirá mais tarde este menino profeta, poeta do silêncio em que Deus fala. Como se pode dizer Deus? «Como é Deus!». Soubesse eu fazer desta pergunta-exclamação o refrão do meu silêncio orante e não mais deixaria de me sentir visitado pelo abraço de Deus.

Para o Francisco, aquele encontro foi como que o dia do seu nascimento. Foi um nascer de novo. Um nascer do alto. É como se a sua vida toda fosse aquele encontro. Diz-se que os místicos vivem assim, suspensos no agora de Deus, sedentos na fonte em que se saciam. Assim também o Francisco. E nem foram precisas palavras. O Francisco é convocado no silêncio e é no silêncio que o Francisco invoca. Mas o seu recatado “pensar em Deus”, como gostava de chamar aos momentos de intimidade com o amigo-escondido, não é uma disciplina de silêncio imposta por um qualquer imperativo. É a orientação da sua vida toda para aquela amizade primeira que o cativou. Porque ele não sabe já ser de outra forma. Como poderia ele ser de outra forma se vivia suspenso no desejo daquela luz? É a prostração de um anjo – isto é, *a prostração de Deus* – quem lhe ensina toda a beleza do Deus de todas as surpresas.

A vida do Francisco Marto não foi mais do que um encontro só. Foi só este dia eterno de uma amizade única. Foi tudo, portanto. Olhar a vida do Francisco é perceber *o caminho de conversão*. E a conversão – ensina o Francisco – não é outra coisa do que deixar a vida ser preenchida até à última célula, até ao último poro, pela amizade do Deus belo e bom, a cada minuto, a cada batida do coração e a cada sussurro de alma.

Doutor Pedro Valinho

Departamento para o acolhimento dos peregrinos

A Capelinha das Aparições: lugar de devoção e de encontro com Deus

SÓNIA VAZÃO



Capelinha das Aparições em 1964

A Capelinha das Aparições, iniciada em 28 de abril de 1919 e concluída em 14 de junho desse ano, foi o primeiro edifício a ser construído na Cova da Iria. Foi edificada no lugar identificado pelas três crianças de Aljustrel,

Francisco e Jacinta Marto e Lúcia de Jesus, como tendo sido o da mariofania de 1917, o que lhe confere uma dimensão de marco comemorativo do acontecimento. Além disso, a sua construção, fruto de iniciativa popular, foi motivada pelo

propósito de dar cumprimento ao pedido que se acreditou ter sido apresentado pela Virgem Maria aos videntes. Em junho de 1920, foi colocada na Capelinha, à veneração dos peregrinos, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, escultura que

[Foto_SF]

se veio a transformar num dos ícones mais importantes do catolicismo atual.

Por outro lado, as intervenções arquitetónicas e urbanísticas efetuadas no recinto de oração têm respeitado e mantido a centralidade espacial e psicológica da Capelinha das Aparições, sobretudo porque tiveram em conta as multidões que confluem para o Santuário nas peregrinações anuais. Por outro lado, desde tempos fundacionais, a Imagem que se venera na Capelinha sai em procissão em ocasiões especiais, o que reforça a importância desta construção para os peregrinos de Fátima.

Esta temática foi estudada por Marco Daniel Duarte, na tese de doutoramento que desenvolveu sobre as construções que constituem o Santuário e que foram erigidas até 2007, tendo fixado os avanços científicos mais recentes sobre este assunto.

Por tudo o que foi referido anteriormente, a Capelinha das Aparições possui uma centralidade espacial e espiritual no Santuário de Fátima e é, há mais de cem anos, um lugar de vivências de fé, coletivas e individuais, muito significativas para aqueles que se fazem peregrinos da Cova da Iria. Este valor simbólico é, de entre outros exemplos, atestado pelo facto de ser um edifício identitário de Fátima para aqueles que, pelas mais diversas razões, não se podem deslocar ao Santuário.

É verosímil assumir que esse simbolismo especial foi reconhecido desde os tempos primeiros de Fátima, inclusive por aqueles que se opunham ao fenómeno, como se atesta pelo facto de

a Capelinha ter sido dinamitada, em 6 de março de 1922, em pleno período da Primeira República Portuguesa, que correspondeu a um contexto social e político conturbado, de grande tensão religiosa no território nacional.

A Capelinha foi, para os peregrinos de Fátima, o primeiro elemento congregador do Santuário, porquanto estes, desde os primeiros tempos, convergiram para aquele espaço arquitetónico com o propósito de recitarem o Rosário e de participarem nas diferentes celebrações que ali têm lugar. A primeira missa celebrou-se naquele espaço no dia 13 de outubro de 1921, com a devida autorização de D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria.

A Capelinha das Aparições, assim como o espaço circundante, é a zona de eleição dos peregrinos de Fátima para o cumprimento das suas promessas, impliquem elas a entrega de ex-votos ou de mensagens à Virgem de Fátima ou a realização de percursos que geralmente principiam no início da passeira de lajes destinada aos penitentes, que atravessa parte do recinto de oração, e que culminam na Capelinha, mais especificamente no espaço intramuros projetado para o efeito. Nestas ocasiões, aqueles que se consideram crentes entendem estar a estabelecer uma ligação íntima com Deus, agradecendo as graças que acreditam ter sido concedidas pela intercessão da Virgem Maria.

No que diz respeito aos ex-votos, além dos inúmeros objetos das mais diversas naturezas, foram oferecidas ao Santuário mais de 400 placas votivas,

geralmente de pedra, hoje custodiadas pelo Museu do Santuário de Fátima, sendo que algumas delas estiveram colocadas até 1964 nas paredes exteriores da pequena capela, data em que foram retiradas no contexto de uma intervenção. Nessas placas foram, de uma forma geral, fixados os agradecimentos e os compromissos dos ofertantes, tendo alguns deles preferido manter o anonimato. Neste contexto, será também de destacar as ofertas deixadas na Capelinha por alguns dos Papas que peregrinaram ao Santuário de Fátima, como João Paulo II, Bento XVI e Francisco que, no caso dos dois últimos, formalizaram a oferta de uma Rosa de Ouro ao Santuário na Capelinha, atestando que as ofertas são deixadas por peregrinos anónimos, mas também pelos mais conhecidos.

Os peregrinos também deixam mensagens na Capelinha das Aparições que são destinadas à Virgem de Fátima, nas quais descrevem situações biográficas marcantes, apresentam pedidos de graças ou agradecem as que entendem ter recebido. As mensagens são colocadas durante um período específico no pedestal da Imagem que se venera na Capelinha, sendo depois alvo de tratamento arquivístico.

Em suma, para os crentes, a Capelinha é um espaço privilegiado da vivência da Mensagem de Fátima, por exemplo através da oração do Rosário ou da Adoração Eucarística, e um lugar privilegiado de encontro com Deus.

Sónia Vazão

Coordenadora do Serviço de Investigação do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima.

Breve Caracterização de Fátima (1910-1917) – III

JOSÉ POÇAS

5. A entrada de Portugal na Grande Guerra

A Alemanha declarou guerra a Portugal no dia 9 de março de 1916. A Primeira Grande Guerra trouxe 2 novos problemas ao nosso país: o da assistência religiosa aos soldados em campanha e o da importância do pessoal missionário, num momento em que se jogava também o destino das colónias portuguesas.

Nesse mesmo mês, o presidente da Câmara, Alfredo Artur da Silveira Lopes considerou “haver fundados receios para que dentro em breve sejamos surpreendidos pelo flagelo da fome”¹. A grave carência económica local e nacional não diminuiu, no entanto, o braço de ferro entre o Governo e a Igreja Católica. Surgiu um novo confronto com “a imediata apreensão da nova bula da Cruzada (indulto e sumário de dezembro de 1914) que sem o beneplácito do poder civil, consta[va] (...) estar-se distribuindo em todas as Dioceses do País”². O Governador Civil de Santarém, Manuel Alegre, ordenou ao Administrador de Ourém a proibição de “todas as manifestações religiosas ou antirreligiosas fora dos locais a isso destinado”³.

Já perto do final do ano de 1916, a 13 de dezembro, assistiu-se, pela primeira vez, a um confronto direto entre democráticos e católicos, no concelho. Tomando partido, *O Mensageiro* acusou “um médico (...) não fosse ele afonsista”⁴ que, por ter sido preterido, apareceu na Câmara Municipal acompanhado “de gente de baixa reputação em atitude hostil” impedindo a realização do ato de posse. Acusando o Administrador de conivência, o articulista acabou por desejar “ao novo médico”⁵, (...) um católico às direitas”⁶, as boas-vindas ao concelho de Vila Nova de Ourém.

6. O ano de 1917 – “Entre a miséria e a guerra”

Cumprindo ordens do Governo da União Sagrada, partiu para França, no dia 30 de janeiro de 1917, a 1.ª Brigada do Corpo Expedicionário Português, sob o comando do coronel Gomes da Costa. Portugal entrava, de facto, no conflito.

Em fevereiro desse mesmo ano, o Comandante da Escola de Aeronáutica Militar de Vila Nova da Rainha procurava um local para aterragem de aeroplanos, não muito longe de Tancos. Segundo o Administrador do Concelho de Ourém, é difícil encontrá-lo “a não ser nos baldios do Valongo da Freixianda ou nos baldios de Fátima”⁷. Foi por pouco (o projeto



Padre Formigão, como professor e prefeito do Seminário de Santarém⁸

foi abandonado) que as Aparições não tiveram a companhia da aviação.

A hierarquia católica não tinha ficado de braços cruzados, sentindo que tinha chegado a altura de intervir na vida política e social do país. Santarém era na altura um dos grandes centros do Apostolado português.

Com a “Instrução Pastoral Coletiva do Episcopado”, de 22 de janeiro de 1917, os Bispos renovam o Apelo de 1913. Abertamente insistiam, não só na reivindicação da liberdade da Igreja, como também na necessidade de os católicos, organizadamente, participarem na vida política. Apostava-se assim numa passagem de “deputados católicos” a “católicos deputados”.

A resposta surgiu célere, com a criação, a 8 de agosto de 1917, em Braga, do Centro Católico Português. Foi aprovado um programa, redigido por Diogo Pacheco de Amorim e Almeida Correia, não só com objetivos religiosos⁹, mas também político-sociais, defendendo-se a descentralização do Estado, a autonomização do poder judicial e a estabilidade da família.

A devoção ia crescendo, e, perante a incerteza dos que partiam para a guerra, começava a ser vulgar a distribuição de medalhas e imagens aos soldados em campanha. O Governo reacendeu a política de confronto, adotando o mesmo mecanismo repressivo dos primeiros anos da República. Sob o pretexto de que a Igreja Católica insistia em manter comu-

[Foto_STELLA]

nidades religiosas (no caso, de freiras), 4 bispos foram expulsos, das suas dioceses em 1917, por «desobediência civil»: o Bispo do Porto, a 31 de julho; o Cardeal de Lisboa, a 23 de agosto e os Arcebispos de Braga e de Évora a 27 de novembro. Ora, esta polémica veio na pior altura. O índice do custo de vida tinha aumentado 37% entre 1914 e 1916 e, no início de 1917, a falta de alimentos agravou os conflitos latentes na sociedade portuguesa da época.

O governo Democrático viu-se confrontado com uma vaga de assaltos a mercearias, padarias e mercados, nomeadamente nos dias 19, 20 e 21 de maio, em Lisboa, onde confrontos violentos ocasionaram 22 mortos e dezenas de feridos graves.

Para a maioria da população, a «miséria» económica em que o País estava mergulhado e a entrada na Primeira Grande Guerra¹⁰ eram dois fenómenos que se confundiam e complementavam.

Preocupado com a inauguração, no dia 5 de maio de 1917, da feira na Lagoa da Carreira¹¹, foram requisitadas “4 praças de cavalaria e 6 de infantaria”¹² à Guarda Nacional Republicana, de Tomar. Idêntico pedido já tinha sido feito pelo regedor de Fátima, Manuel Pedro Marto, em relação à feira de 3 de maio, em Fátima¹³.

Esta freguesia de Fátima era composta por mais de 20 pequenos lugares. Em 1911, existiam 514 fogos, com 2 348 pessoas, das quais apenas sabiam ler 307 pessoas. Aljustrel, terra dos videntes, teria 123 pessoas¹⁴. A situação não seria muito diferente em 1917. A atividade principal era a agricultura tradicional, de subsistência, complementada pela pastorícia. Quase todo o agregado familiar tinha o seu pequeno rebanho de ovelhas, apascentado normalmente por crianças, dos 6 aos 12 anos.

Foi num clima de carência económica e de conflitos político-sociais que, em março de 1917, *O Mensageiro*, de Leiria, publica na sua segunda página um poema assinado pelo “Peregrino”, intitulado *AO TERÇO – Oração das crianças portuguesas*, dirigido a Nossa Senhora, que acaba com um pedido urgente:

“Mostra que és nossa Mãe!
Rainha sem igual!
Em ti confiamos! Vem ...
Oh! Salva Portugal! ...”¹⁵

Na altura em que partiram os contingentes militares portugueses para a Flandres, o Papa Bento XV pedindo preces a Nossa Senhora pela paz, fixava para o primeiro dia de junho a introdução da invocação “Rainha da Paz” na ladainha lauretana. Fê-lo no dia 5 de maio de 1917. Apenas 8 dias depois, Nossa Senhora apareceria, pela primeira vez, aos pastorinhos Lúcia, Jacinta e Francisco.

José Poças

Mestre em História Regional e Local

¹A.M.O., *Livro de Actas da Câmara Municipal*, n.º 523, de 15-3-1916, fl. 114 v.º.

²A.M.O., Fundo do Administrador, C/A 2.2 - *Correspondência recebida do Governo Civil*, em 3-3-1916.

³A.M.O., Fundo do Administrador, C/A 2.2, *Correspondência recebida do Governo Civil*, em 6-6-1916.

⁴Tratava-se do Dr. Joaquim Francisco Alves, membro da Comissão Municipal do Partido Democrático.

⁵Refere-se ao Dr. José da Costa Pinto, que tinha aderido em 22 de novembro de 1915 ao Movimento Católico da Comissão Concelhia de Vila Nova de Ourém.

⁶O *Mensageiro*, de 28-12-1916, p. 3.

⁷A. M. O., C/A 1.3 - *Livro de Correspondência Expedida*, n.º 610, de 15-2-1917, p. 72.

⁸Fonte: Joaquín Maria Alonso, O Dr. Formigão, homem de Deus e Apóstolo de Fátima, Fátima, 1979, p. 30. Em 1917, o futuro “Apóstolo de Fátima”, distinguia-se como professor de Direito Natural Público Eclesiástico.

⁹Exigindo ao Estado a liberdade religiosa dos católicos, a restauração das relações com a Santa Sé e a liberdade de ensino religioso.

¹⁰José Pereira Gens, irmão do Pároco de Ourém, também reconheceu que “naquele tempo, a grande obsessão de todos era a guerra, a grande guerra de 1914 a 1918.” Cf. José Pereira Gens, *FÁTIMA – Como eu a vi e como a sinto (Memórias de um Médico)*, Leiria, p. 38. Mais tarde, viria a ser chefe dos serviços médicos da União de Servitas de Fátima.

¹¹Hoje em dia já não existe essa lagoa, sendo parte do seu terreno ocupado com o monumento aos Pastorinhos, na Rotunda Sul de Fátima.

¹²A.M.O., Fundo do Administrador, Livro de Registo de Correspondência para várias entidades n.º 1454, fl. 12.

¹³A.M.O., Fundo do Administrador, C/A 2, *Correspondência Recebida pelo Administrador do Concelho*, n.º 1491, em 29-4-1917.

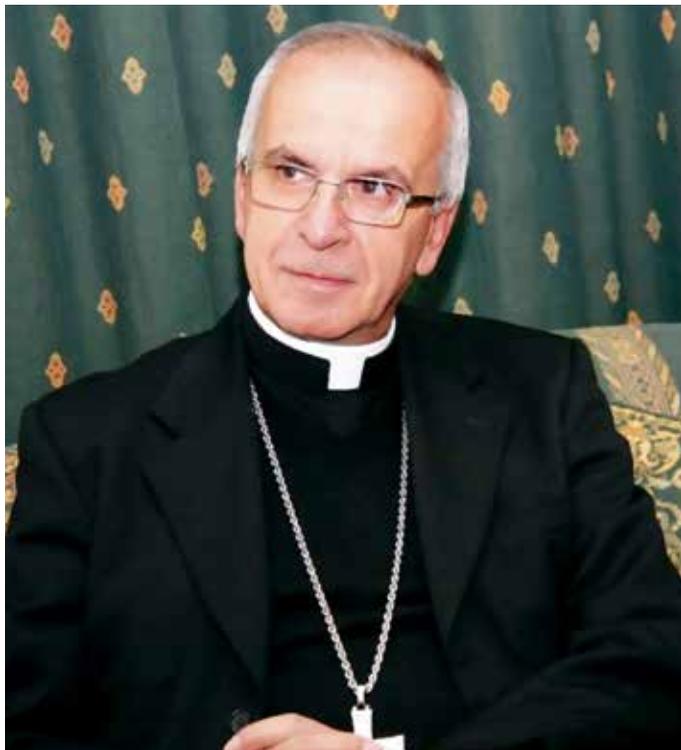
¹⁴Lúcia descreve o lugar onde vivia como ficando: “mais ou menos, a um quilómetro da Fátima, onde está a igreja a que pertence, e a uns dois quilómetros da Cova da Iria. O lugar de Aljustrel é constituído por uma estrada com pequenas curvas. Os moradores construíram as pequenas casas, próprias do campo, de um lado e do outro”. Sebastião Martins dos Reis, *A Vidente de Fátima Dialoga e Responde pelas Aparições*, Interrogatório do Padre H. Iongen, Braga, 1970, p. 78.

¹⁵O *Mensageiro*, de 21-3-1917, p. 2.

Atualidade Eclesial

Atividade internacional da Santa Sé – IV

MANUEL SATURINO GOMES



D. Ivo Scapolo, novo Núncio Apostólico de Portugal

A Santa Sé, através da sua sala de imprensa, informou no dia 29 de agosto de 2019, que o Santo Padre tinha nomeado o novo Núncio Apostólico em Portugal na pessoa de D. Ivo Scapolo, Arcebispo titular de Tagaste, de nacionalidade italiana.

Em anos passados tinha servido a Nunciatura Apostólica em Lisboa na qualidade de Monsenhor Secretário. A 12 de maio de 2002 recebeu a ordenação episcopal na Basílica Catedral de Pádua, Itália, pelas mãos do Cardeal Angelo Sodano, então Secretário de Estado. A sua primeira missão foi servir como Núncio Apostólico na Bolívia, e a mais recente como Núncio no Chile.

Dado que na edição anterior já nos referimos à missão do Núncio Apostólico junto das Igrejas particulares e dos Governos, escreverei agora umas breves linhas sobre a credibilidade da Santa Sé junto dos países e dos organismos internacionais.

São frequentes as visitas oficiais de Chefes de Estado e de governos, bem como de outros titulares de cargos públicos, ao Papa, na sua qualidade de Pastor universal da Igreja Católica e de Chefe de Estado do Vaticano. Todos sabem que Sua Santidade tem uma autoridade moral e espiritual mais do que um poder humano. É conhecida a pergunta irónica de Estaline (1878-1953), político soviético, ao primeiro ministro francês, em maio de 1935, querendo saber quantos exércitos possuía o Papa.

De que assuntos falam os políticos quando visitam o Papa? Vejamos um exemplo. A 16 de março de 2019, a sala de imprensa da Santa Sé comunicava que o Papa Francisco tinha recebido na manhã desse dia Sua Excelência o Senhor Salva Kiir Mayardit, Presidente do Sudão do Sul, o qual encontrou em seguida o Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado, e o Arcebispo Paul Richard Gallagher, Secretário para as Relações com os Estados (uma espécie de Ministro dos Negócios Estrangeiros). E a informação acrescentava que no decorrer dos colóquios cordiais, "foram evidenciadas as boas relações bilaterais, o contributo da Igreja católica no âmbito educativo e da saúde, no processo de reconciliação e de reconstrução da Nação. Abordaram também as questões concernentes à atuação do acordo alcançado recentemente pelos diversos atores políticos, em vista da situação definitiva dos conflitos, do regresso dos prófugos e dos refugiados bem como do desenvolvimento integral do País. Neste contexto, Sua Santidade exprimiu o desejo que se verifiquem as condições de uma Sua possível visita ao Sudão do Sul, como sinal de proximidade à população e de encorajamento ao processo de paz".

É evidente que os conteúdos dos colóquios com os diversos governantes, são depois acompanhados pela Secretaria de Estado e pelos Núncios em cada país, pois uma das tarefas do Núncio é: "1º informar a Sé Apostólica acerca das condições em que se encontram as Igrejas particulares, e de todas as coisas referentes à vida da Igreja e ao bem das almas; 5º esforçar-se para que se promovam ações em favor da paz, do progresso e da cooperação entre os povos; 7º defender junto dos governantes dos Estados, em ação conjunta com os Bispos, o que pertence à missão da Igreja e da Sé

[Fotos_ Ecclesia]



Dr. Matteo Bruni, Diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé

Apostólica; 8º exercer enfim as faculdades e cumprir as ordens que lhe forem transmitidas pela Sé Apostólica" (cânon 364).

Ao longo da história, sem esquecer a de Portugal, foram vários os casos em que o poder político solicitou à Sé Apostólica a sua mediação moral para pôr termo a determinadas contendas e conflitos. Quando tal sucede, o Papa aceita ou não a proposta, e em caso afirmativo nomeia um Cardeal e/ou um Núncio Apostólico com poderes para negociarem e assinarem a paz.

A Santa Sé está também representada na qualidade de Observador em inúmeras organizações internacionais governativas, basta recordar a ONU e as suas Agências internacionais, a Organização Mundial do Turismo, a Organização Mundial do Comércio, a Organização para a proibição

das armas químicas, o Conselho da Europa, a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa, a Organização dos Estados Americanos, a União Africana, etc...

As "armas" da Santa Sé derivam do magistério pontifício, da doutrina moral e espiritual da Igreja, da sua tradição. Esta grande riqueza e experiência não podem ser desprezadas, estão ao serviço da paz e da concórdia na humanidade.

Pe M. Saturino Gomes, scj
Auditor do Tribunal da Rota Romana

Roteiros: Caminhos de Fátima

INEZ VIEIRA

CAMINHOS DE FÁTIMA são uma rede de itinerários religiosos e culturais que partem de diferentes locais e terminam no Santuário de Fátima. Proporcionam a quem os percorre uma verdadeira “espiritualidade”, em ligação com a natureza e as vivências religiosas e culturais. Têm por finalidade criar condições seguras e aprazíveis para peregrinos e caminhantes que se dirigem ao Santuário de Fátima, evitando estradas com grande circulação automóvel em favor dos caminhos de terra e de pequenas estradas rurais com pouca circulação. Percorrem territórios variados, com grande interesse cultural e paisagístico e articulam-se com outros itinerários de âmbito nacional e internacional.

A apresentação dos respetivos roteiros aconteceu, no dia 12 de setembro, na sala de Imprensa do Santuário de Fátima. Este encontro foi presidido pelo Doutor Revdo Pe. Cabecinhas, Reitor do Santuário, com a presença da Presidente do Centro Nacional de Cultura e a representante do Turismo de Portugal, os jornalistas e operadores dos Órgãos de Comunicação Social de Portugal, que se reuniram, para a apresentação dos ROTEIROS DOS CAMINHOS DE FÁTIMA.

Para o Reitor do Santuário, o caminho e o caminhar pertencem à experiência humana mais primordial. O homem e a mulher são definidos frequentemente como “Homo Viator”, aqueles que estão sempre em caminho, que nunca está concluído, cuja vida



é um progredir continuamente. Esta condição itinerante define-se como itinerância. É reveladora desta atitude a afirmação posta na boca do Rei David, ao traçar o perfil da humanidade diante de Deus: «Diante de Vós não passamos de estrangeiros e peregrinos como os nossos pais».

De facto o que caracteriza a condição humana é a condição de ser peregrinante, a caminho. Esta categoria símbolo da existência humana, expressa-se numa multiplicidade de ações como a partida e o regresso, a entrada e a saída, a subida e a descida, o caminho e a paragem.

A peregrinação passa por quatro etapas fundamentais: a partida com tudo o que isso implica de deixar o lugar do nosso conforto; o caminho e a visita ao santuário; o retorno, isto é, o regressar à vida de cada dia depois da peregrinação. A peregrinação compromete um regressar diferente, pois não é só ir a um lugar diferente, é ir e regressar diferente.

Destes quatro elementos é sempre o caminho que marca mais fortemente a experiência de peregrinação. Pôr-se a caminho de qualquer maneira não basta, para que possa ser uma peregrinação. No congresso sobre Santuários e peregrinações, o Papa Bento XVI afirmava: «Diferentemente do vagabundo cujos passos não têm destino final, o peregrino tem sempre uma meta, mesmo que às vezes possa não ter explícita consciência desse peregrinar, pois peregrinar é caminhar

sempre para algum lado e nunca é simplesmente vagabundear.»

O Centro Nacional de Cultura é pioneiro e atento aos caminhos dos peregrinos de Fátima. Há muitos anos os vem assinalando, preparando e acarinhando, como itinerários de cultura, e de valorização da experiência dos peregrinos de Fátima.

A Dra. Teresa Ferreira em nome do Turismo de Portugal, manifestou grande satisfação por se cumprir mais uma etapa deste projeto estruturante e estratégico, para o Turismo de Portugal.

OS CAMINHOS DE FÁTIMA integram-se num projeto maior que se designa de CAMINHOS DA FÉ e que no fundo tenta materializar alguns dos valores que estão inerentes ao nosso país e ao destino de Portugal que é um País de paz, um País que sabe acolher a todos os que chegam de qualquer lugar e quaisquer que sejam as suas motivações e convicções. Nesse sentido OS CAMINHOS DA FÉ contemplam dimensões que nos caracterizam do ponto de vista histórico e cultural, através dos caminhos de Fátima.

Todo este processo resulta das múltiplas parcerias como o Santuário de Fátima e o Centro Nacional de Cultura, de parcerias públicas como os municípios e entidades regionais de turismo e ainda a herança judaica, dimensão que também marca, do ponto de vista histórico e cultural a nossa identidade portuguesa e que faz a ligação de Portugal com muitos outros

continentes, e com os Caminhos de Santiago, que é outra dimensão bastante associada e articulada com os Caminhos de Fátima. O papel do Turismo de Portugal é ser facilitador e colaborar com as várias competências que cada um tem, seja mais no território ou na melhoria da experiência do peregrino, ou na capacitação dos agentes de turismo que ao longo do caminho vão podendo proporcionar serviços específicos. Por isso, continuará a ajudar a fazer a ponte, para não se sair daquele que é o foco dos CAMINHOS DA FÉ, visto que a dimensão espiritual associada a estes caminhos é muito clara como oferta diferenciadora e identitária do nosso País. Existem muitos desafios pela frente a trabalhar e a cuidar em conjunto com C.N.C., em relação aos materiais a construir de modo a dignificar e consolidar os três itinerários traçados: **Caminho do Tejo**, entre Lisboa e Fátima; **Caminho da Nazaré**, entre Nazaré e Fátima e **Caminho do Norte**, entre Valença e Fátima.

O Centro Nacional de Cultura tem uma história ligada a Fátima. Nasceu a 13 de maio de 1945, através de um grupo de católicos progressistas que veio a este Santuário em peregrinação, logo a seguir à 2ª guerra mundial, e ao regressar a Lisboa, uniram-se com o objetivo de fundar uma associação que contribuísse para a internacionalização da cultura portuguesa.

Os mártires de Guiúa – Fama de Santidade

PAULO AIDO



Lembrar os mártires de Guiúa a propósito da visita do Papa a Moçambique.

A guerra civil estava quase a chegar ao fim. O acordo de paz seria assinado dali a menos de sete meses, mas a 22 de março de 1992 haveria de ocorrer o massacre de 23 cristãos. Foram mortos nessa noite e logo nasceu uma fama

de santidade que tem crescido, imparável, ao longo do tempo...

Para Paulo Cunhana aquela não era uma viagem qualquer. Precisava de sobreviver à armadilha da própria memória. Paulo sabia que tinha de regressar a Guiúa. Tinha de regressar ao local onde viu matar alguns dos seus amigos, alguns dos seus compa-

nheiros. Paulo escapou da morte por um mero acaso. Foi em 1992 quando a guerra civil estava a chegar ao fim. Desde a independência, em 1975, Moçambique vivia debaixo de um regime comunista.

A Frelimo assumiu o poder e teve uma atitude muito agressiva em relação à Igreja Católica que passou

[Foto_Félix Lungu AIS]

por tempos complicados. Foi uma época de perseguição e violência.

D. Diamantino Antunes, Bispo de Tete, recordou esses anos numa iniciativa recente da Fundação AIS em Leiria: “Isso traduziu-se em ações práticas como a nacionalização das missões, expulsão de missionários, encerramento de seminários, de modo a impedir a formação de sacerdotes locais, e também perseguição. Houve sacerdotes, mas sobretudo catequistas, que foram discriminados, perseguidos, colocados na prisão, e alguns deram a própria vida por fidelidade à Igreja”.

Paulo Saela Cunhana era um desses catequistas que o regime perseguia. Estava em Guiúá, na Diocese de Inhambane, no sul do país, em 22 de março de 1992. O Bispo de Tete conhece a história do massacre como poucos. Missionário da Consolata, foi postulador da causa da beatificação dos catequistas mártires de Guiúá.

No encontro em Leiria recordou o ataque. “Era de noite. Os catequistas foram apanhados em suas casas. Uns conseguiram fugir no meio da confusão, outros não. Foram sequestrados... A quatro quilómetros do centro catequético foram interrogados. Quem os matou sabia quem eles eram. Sabia que eram da Igreja, que eram catequistas.” Apesar disso, foram mortos. Mataram-nos como quem quer extirpar um mal, cortá-lo pela raiz. Mas a verdade é que nasceu logo nessa noite de 22 de março de 1992 uma fama de santidade que nunca mais haveria de se extinguir em relação aos catequistas mártires de Guiúá.

O regresso

Vinte e um anos depois, Paulo Saela Cunhana regressou ao local onde tudo aconteceu acompanhando uma equipa de filmagem da Fundação AIS. “É a primeira vez que aqui volto”, disse na ocasião. “Mal cheguei, comecei a ver tudo como naquele dia... Até consigo ver onde estava sentado, como fugi...”

Paulo sobreviveu porque conseguiu fugir. Escapou ao massacre. Vinte e três pessoas foram brutalmente assassinadas com catanas. Entre elas, nove mulheres e nove crianças. A mulher de Paulo foi uma dessas vítimas. O massacre dos catequistas de Guiúá ganhou eco até no estrangeiro. A assinatura do acordo de paz que poria fim à guerra civil aconteceu pouco depois, a 4 de outubro desse ano de 1992.

Guiúá ficou para a História como um exemplo da crueldade humana. Há três anos, a Igreja local decidiu abrir a causa de canonização dos que morreram neste episódio final da guerra de Moçambique. No passado dia 23 de março foi encerrada a fase diocesana com mais de uma centena de testemunhos, entre os quais o de Paulo Cunhana.

Os 23 mortos de Guiúá representam todos os que pagaram com a vida a fidelidade à Igreja nos tempos conturbados desta guerra que custou a vida a mais de 1 milhão de pessoas. O país ficou quase destruído. Ainda hoje, Moçambique tem cicatrizes desses 17 anos de guerra civil. O dia 22 de março de 1992 ficaria para a história por causa do massacre de 23 catequistas e suas famílias. De 23 cristãos.

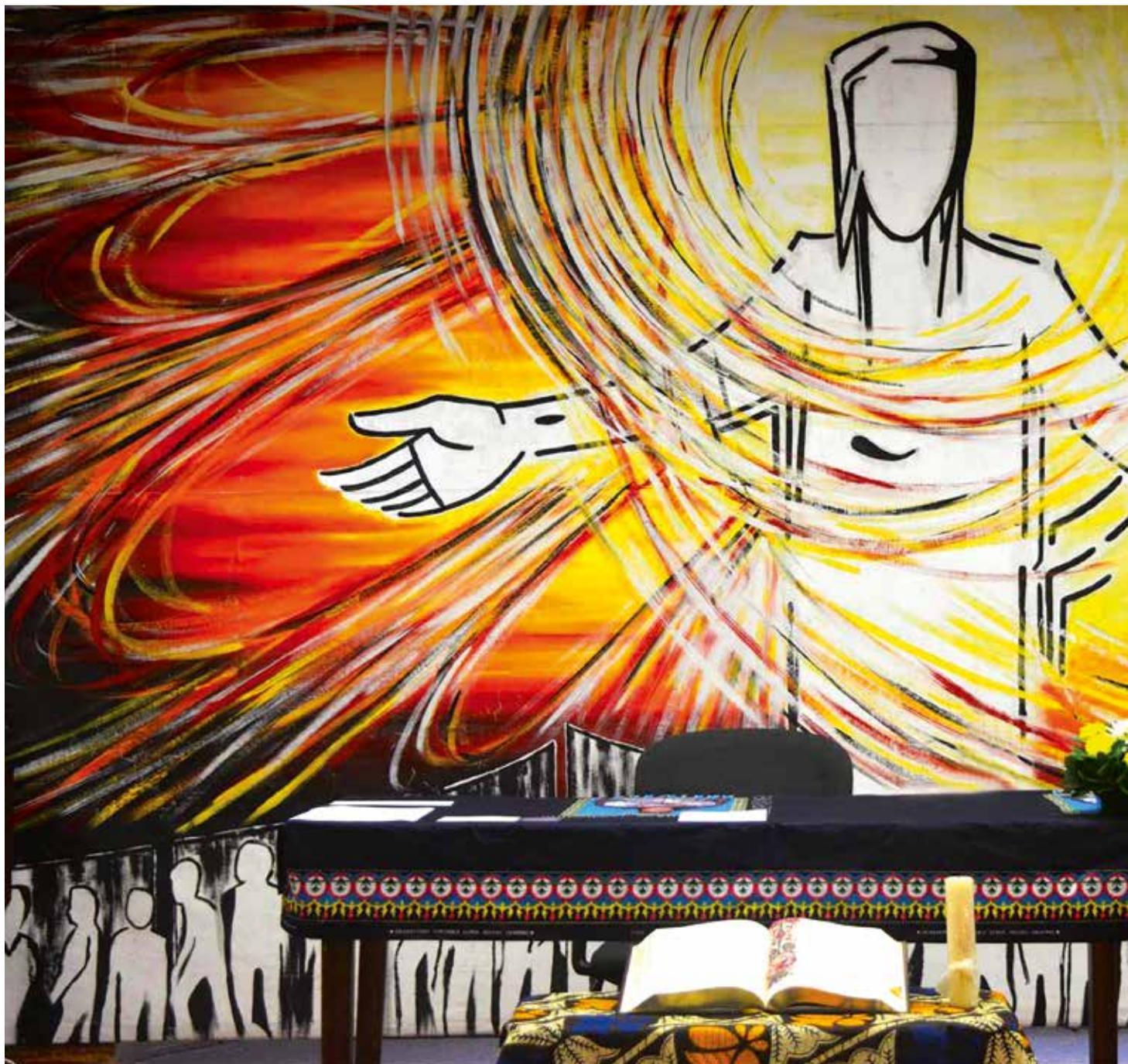
A reconciliação é sempre caminho para a verdadeira paz. Um caminho que em Moçambique passa, inevitavelmente, por Guiúá, hoje transformado em local de oração e de peregrinação.

Paulo Aido
Jornalista da AIS



Outubro – mês missionário extraordinário

GERTRUDES FERREIRA



[Foto_Exposição Missionária]



O Papa Francisco declarou o mês de outubro deste ano “Mês Missionário Extraordinário”, tendo como objetivo despertar para uma maior consciência da missão e retomar com novo impulso a transformação missionária da vida dos cristãos e para assinalar o centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud*, de 30 de novembro de 1919, sobre a atividade dos missionários desenvolvida pelo mundo.

A Igreja em Portugal vai terminar a celebração deste acontecimento em Fátima, com a celebração da Eucaristia, presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, no dia 20 de outubro. Ao longo de todo o mês de outubro estará patente ao público uma exposição missionária itinerante “**Pelos caminhos do Mundo**”, promovida pelos Institutos Missionários *Ad Gentes* (IMAG). Iniciou a sua itinerância no mês de setembro de 2018, na Escola Francisco de Holanda, em Guimarães, onde permaneceu durante quinze dias.

A exposição missionária itinerante “**Pelos Caminhos do Mundo**”, de entrada livre, pretende ser motivadora de dinamismos novos na Igreja católica.

Dividida em três momentos, a exposição é constituída por um “conjunto de 12 roll-ups” que aposta essencialmente na imagem e procura apontar para um Deus que faz caminho com as pessoas e que as envolve a todas no seu projeto de vida. Uma série de objetos que nos movem e

“falam do encontro de culturas e religiões”, é a proposta do segundo bloco e, finalmente, o terceiro, “em forma de jogo”, procura envolver o visitante na aventura de percorrer os caminhos do mundo.

Posteriormente, a Exposição percorreu outros espaços do país, lançando-se ela mesma, na aventura dos caminhos da missão. Durante o mês de outubro pode ser visitada no Nártex da Basílica da Santíssima Trindade.

Acolhendo com alegria a proposta do Papa Francisco, os responsáveis católicos de Portugal esperam que esta iniciativa promova um maior vigor missionário nas comunidades e grupos eclesiais desde os adultos aos jovens e crianças, pois as mudanças em curso na sociedade exigem também uma “renovação missionária”. Trata-se de colocar a missão de Jesus, com alegria, no coração de cada cristão, em todos os âmbitos da vida e ter ânimo e coragem para ir ao encontro dos outros, alcançando também as periferias que precisam da Luz do Evangelho.

Gertrudes Ferreira, rf

Pe. Manuel Formigão

O múnus sacerdotal: A Eucaristia

JOSÉ MANUEL CORDEIRO



O Cónego Formigão gerou na fé muitos cristãos e fez crescer na fé com atos de verdadeira e autêntica fé, reconhecendo-se nele «*as qualidades de saber, prudência e zelo pela causa de Deus e notável aptidão para a formação de sacerdotes*»¹.

A sua paternidade espiritual é bem visível ainda hoje com o Instituto de Vida Consagrada que fundou – as Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima – que a partir daqui continuam a fazer ecoar, em vida vivida, as palavras do fundador: «*Fátima é uma estância de beleza espiritual*»².

Certamente que no serviço da formação dos Seminários por onde passou, especialmente em Bragança-Miranda como Reitor³ procurou zelosamente formar sacerdotes «*segundo o coração*

de Deus, na piedade, na pureza, na humildade, na obediência, na disciplina e no estudo», conforme as indicações do Papa Pio XI, na encíclica “*Ad catholici sacerdotii*”. Com esta mesma carta o Papa publicou uma Missa votiva “*de summo et aeterno Jesu Christi Sacerdotii*” que se passou a celebrar às quintas-feiras, segundo as prescrições litúrgicas e que motivou solidamente a santidade dos sacerdotes e dos seminaristas. A estes o Papa escreveu: «*vós sois as esperanças da Igreja e dos povos, que muito, que tudo esperam de vós, porque de vós esperam aquele ativo e vivificante conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, em que consiste a vida eterna*».

O Cónego Formigão redigiu nos escritos espirituais, caderno 8: «*Para muitos, a Missa é um simples exer-*

cício de devoção. Ela deveria ser, sobretudo, um exercício de oblação. Na Missa, Jesus Cristo, nosso chefe, é sacerdote e vítima; nós seus membros, somo-lo com Ele. Ele, sacerdote principal; nós, sacerdotes secundários. Ele, vítima principal; nós, vítimas secundárias. Jesus e nós, sacerdote completo, vítima completa. Voltado para o altar, o sacerdote visível sabe que fala em nome de todos os assistentes. “Recebei, Santíssima Trindade, esta oblação que nós Vos oferecemos... Nós Vos suplicamos, Senhor, que aceiteis de bom grado esta oferta dos Vossos servos”. Membros de Cristo, nós colaboramos ativamente no sacrifício. A Missa tem um carácter iminente social».

O nosso ministério sacerdotal é um verdadeiro veículo da santidade de Deus para o seu povo. Mais do que um mero manusear das coisas santas, somos convidados a configurar-nos com o Santo dos Santos, agindo na sua pessoa, tornando-nos mananciais da sua bênção e dando, pelo testemunho de vida, credibilidade ao Evangelho que anunciamos. O Cónego Formigão mostrou os mistérios de Cristo na alegria da sua vocação de irmão e de pastor. É preciso que a nossa ação pastoral desabroche de uma verdadeira santidade de vida.

A vida cristã só tem sentido como vida em Cristo. Deus é o Santo e, na Sua santidade, somos chamados à mesma santidade de vida. Deus é a vida dos Santos. Isto mesmo reza a Igreja na Liturgia: «*Vós Senhor, sois verdadeiramente Santo, sois a fonte de toda a santidade*»⁴.

[Fotos_ Arquivo MNF]

Tal como rezou o Cónego Formigão na Eucaristia e agora celebra eternamente, também nós ousamos pedir: «*Dai a paz aos nossos dias, livrai-nos da condenação eterna e contai-nos entre os vossos eleitos*»⁵. «*À semelhança do Coração de Jesus, o coração do Apóstolo deve ser tão vasto como o mundo*»⁶.

Cantar um hino sem igual é a atitude do santo e do peregrino da santidade como Nossa Senhora, Rainha de todos os santos: «*Maria, a Bela, a Pura, a Imaculada, Mãe e Filha de Deus e nossa Mãe... E do Universo na mais alta esfera, em seu trono de glória deslumbrante, canta ao Senhor um hino sem igual!*»⁷.

Como bem nos recorda o Papa Francisco: «*Move-nos o exemplo de tantos sacerdotes, religiosas e religiosos e leigos que se dedicam a anunciar e servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a vida e, sem dúvida, à custa da sua comodidade. O seu testemunho lembra-nos que a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesidora*»⁸.

Na verdade, como também escreveu o Padre Américo, fundador da Obra da Rua e “santo” contemporâneo do Cónego Formigão: «*o santo é o homem que vive na sua vida a Vida de Deus*»⁹.

A fidelidade ao Evangelho, isto é, a Jesus Cristo, é o traço identificati-

vo da vida e do ministério do Cónego Formigão, como testemunha na letra do hino que compôs a Nossa Senhora de Fátima, com a música do Mons. Sabino Pereira: «*Oh, salvai-nos da eterna desdita, para amar-Vos fazei-nos viver! Nós queremos, Rainha Bendita, ser fiéis a Jesus ou morrer!*»¹⁰

Dom José Manuel Cordeiro
Bispo da Diocese de Bragança-Miranda



¹D. ABÍLIO AUGUSTO VAZ DAS NEVES, Provisão para nomeação do Reitor do Seminário Maior de S. José de Bragança, 10 de outubro de 1939.

²Cón. Nunes Formigão, in Boletim da Diocese de Bragança 8 (1936) 97-99; IDEM, Mensageiro de Bragança 3, 60 (1942) 1.

³Cf. Carta manuscrita dirigida ao Bispo D. Abílio Augusto Vaz das Neves, 15 de junho de 1940.

⁴Oração Eucarística II.

⁵Oração Eucarística I.

⁶M. FORMIGÃO, Vida espiritual. Pensamentos, Braga 1995, 57.

⁷M. FORMIGÃO, Stella matutina, 50.

⁸FRANCISCO, Gaudete et Exultate 138.

⁹A. AGUIAR, in O Gaiato, IV, 86 (14.6.1947) 2.

¹⁰VISCONDE DE MONTELO, Fé e Pátria, 1937, 186-187.

Jubileu de Ouro

ALZIRA MIGUEL VALENTIM

[Foto_STELLA]

Estou no Ano Jubilar!

E já há algum tempo ouvi falar da importância desta Celebração iniciada pelo Povo Judeu com o nome de “Ano Jubilar”, como narra a Bíblia no livro do Levítico, 22, 8-66, um ano vivido em júbilo. Cada 50 anos, ou seja, passados 49 (7X7 anos), o ciclo pleno, tudo devia parar para começar de novo, de outra maneira e melhor; rever a vida e ganhar um novo impulso, corrigir os desvios, acertar o relógio, agradecer e louvar gratuitamente. Era extraordinário!

Com este espírito, a minha Congregação propôs-me celebrar os 50 anos da minha Consagração especial a Deus e aos irmãos pelos votos de castidade pobreza e obediência, no dia feliz da comemoração dos 70 anos da aprovação canônica da Congregação.

Partilho com muita alegria e satisfação este desafio porque pela consagração religiosa, assumi seguir Jesus Cristo, na simplicidade, na disponibilidade e me entreguei sem reservas, para viver e anunciar o Evangelho, através da vida de oração e trabalho, na Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima. Nesta entrega reparadora, feita no meu dia a dia, tenho sempre presente as palavras do Anjo aos Pastorinhos: «**De tudo ofereci sacrifícios ao Altíssimo**».

Agradeço a Deus a minha família que me iniciou na fé pelo batismo, e me incentivou dando-me apoio, força e acompanhando-me com a oração em família. Agradeço ao Bom Deus o chamamento de consagração que fez à minha irmã gémea. Assim, continuamos a caminhar juntas, no mesmo ideal, partilhando a caminhada com os seus êxitos e obstáculos.

Viver a Consagração na vida religiosa é uma questão de amor. Este tempo que Deus me concede de me encontrar com quem me ama, nesta Festa Jubilar, é como estar à mesa do Deus vivo e alimentar-me do amor, formando uma comunidade alargada aos familiares e amigos.

Sou feliz. Sou verdadeiramente feliz na minha consagração. O fundador da Congregação tem esta expressão que muito gosto de lembrar «**O Coração de Deus procura corações a quem possa comunicar-se. É o meu coração**



que Ele procura». E estimula-nos a pedir «**a seiva divina da graça e do amor para que corra no nosso pobre coração**». Assim o fez Maria. Através do seu SIM foi colaboradora na redenção da Humanidade. Hoje, como Maria, na minha pequenez, quero dizer: «**A minha alma glorifica ao Senhor por tudo o que fez em mim**».

Já pensaram, como é extraordinário, Cristo ter tido tempo para realizar em mim, tantos dons, ao longo destes 50 anos.

Alzira Valentim, rf

Testemunho vocacional 25 Anos de vida Consagrada

CRISTINA MACRINO



Ir. Cristina em Timor

O caminho que percorri ao longo de 25 anos de consagração religiosa foi edificado por um enleio de vivências e experiências complexas, recebidas de Deus, como um Dom para os outros, e pela fraqueza e pobreza que se manifesta na minha realidade de pessoa humana.

A minha decisão pela vida religiosa, quando ainda era adolescente não foi fácil, porque a minha família não queria aceitar, por uma questão social do meio ambiente em que vivíamos. Todas as jovens tinham como destino constituir família e ter uma vida organizada com bens, com emprego estável de modo a garantir um futuro próspero à sua descendência. Falar em religião era um assunto para os idosos já reformados ou para quem não tinha nada a fazer na vida.

Nasci na freguesia do Bárrio, concelho de Alcobaça. Sou a mais velha de três filhos. Cresci num lar onde o respeito pelos mais velhos era lei, e a boa educação era uma constante, quando estávamos fora de casa com os pais, e em todas as situações. Os meus pais eram operários fabris, trabalhavam com imensa dignidade e inculcaram-nos o valor do trabalho, nunca nos faltaram com nada apesar de muitos sacrifícios.

O Chamamento de Deus para mim era como fazer uma viagem infinita, sem fim, na procura do mais belo e maravilhoso, uma atração pelo essencial da vida e que eu não sabia explicar.

Ingressei na Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, com 19 anos de idade. Lem-



bro-me que foi um dia muito difícil da minha vida, pelo sofrimento que provoquei nos meus pais. Mais tarde foi surpreendente, ao saberem, que eu estava bem e feliz.

Fui enviada para a Casa Nossa Senhora de Fátima, na cidade do Porto, onde me senti bem acolhida, com carinho pela irmã Superiora de então, Madre Fernanda Augusta de quem tenho uma eterna saudade. Em 1992 entrei no noviciado com duas companheiras de Jornada e em 1994 fizemos a Primeira Profissão Religiosa. Enviadas para a vida em diferentes comunidades, iniciámos a vida consagrada a Deus pelos votos temporários.

A minha primeira comunidade foi em S. Martinho do Campo, concelho de Santo Tirso. Passei pelo Lar Rosa

Santos – Porto, e voltei a S. Martinho do Campo por mais alguns anos. Foram anos de experiência no trabalho, na vida comunitária, na relação com Deus e com os outros que se cruzavam comigo. Muitas questões surgiram a que fui respondendo dialogando com os formadores que me ajudaram a ter a certeza de que DEUS tinha um plano para mim, no Seu imenso Amor. A formação ao longo do tempo do juniorado, culminou com a licenciatura em Enfermagem na Escola Superior de Enfermagem de Santa Maria, no Porto. Nesse tempo, tão especial da minha formação académica, senti a vida humana no seu mais profundo abismo de sofrimento, ao passar alguns anos pelos hospitais, aprendi ainda que a verdadeira realidade humana é efêmera, sozinhos não somos nada, mas com Deus somos absolutamente tudo.

A 9 de agosto de 2003, realizei o meu compromisso definitivo pela Profissão Perpétua, um “SIM” para sempre, cuja frase e lema de vida com Deus gravei na minha aliança: **Eternamente em Ti.**

A história pessoal e vocacional após a Profissão Perpétua, passou por um tempo de provação com a doença oncológica da minha mãe, que veio a falecer, com 52 anos, e depois, com o acidente fatal do meu pai, que resultou também na sua morte, com 57anos de idade. Perdi as referências mais importantes da minha existência e a minha fé teve de ser reconstruída diante destas perdas tão fulcrais. Mas Deus tudo encaminhou com muita misericórdia e compaixão por mim. As irmãs da Congregação, as pessoas da minha família e os amigos, “cuidaram” bem de mim, com paciência e amor, e sobretudo com respeito pela minha limitação e fraqueza. A vida de formação integral e vocacional continuou com bons desafios, pois tive oportunidade de refletir sobre a vida consagrada, em Madrid, no Curso Sistemático da Vida Consagrada, com outros religiosos vindos de outros países. Recordo como me encantou a disciplina de Espiritualidade em que o professor falava profundamente sobre a certeza do grande amor de Deus pela humanidade e por cada um de nós. Nunca deixei de sentir essa felicidade inexplicável do amor de Deus.

Ao longo do meu percurso vocacional, experienciei sempre Deus como uma eterna e surpreendente presença. No final de 2011, a vida retoma um rumo diferente e um desafio grande é apresentado à minha generosidade. Partir em missão para Timor Leste! Uma proposta assustadora e

[Fotos_ Cristina Macrino]



ao mesmo tempo um sonho a realizar e que nunca fora assumido por falta de coragem e audácia. Apesar dos receios e medos do desconhecido, em janeiro de 2012 começou um novo ciclo da minha vida vocacional. No início, o título de missionária feria a minha dureza interior, mas com a graça de Deus, a vida missionária tornou-se num constante maravilhamento e cresceu em mim a sensibilidade de me dar a quem precisa de pouco, não tendo nada. Timor Leste é uma nação em construção, todos sabemos bem a sua história de sofrimento e dor durante a ocupação da Indonésia. Para conhecer a realidade das marcas negativas que ficaram no coração e na alma deste povo, é necessário tocar com o nosso coração no coração de quem servimos. Aprendi a contemplar com mais atenção a beleza da natureza, o sorriso das crianças, o olhar preocupado e cansado das mães que pedem pequenas coisas para os seus filhos e para as suas necessidades básicas. Aprendi a valorizar a simplicidade das pequenas coisas do quotidiano, a não ter pressas desnecessárias, a cultivar a paciência, a maravilhar-me com

o ajoelhar dum povo no meio da terra, fora duma capela, onde se assume a própria fé.

Hoje, na nossa missão em Timor, a minha vida continua a ser um desafio sem fim, cada dia é sempre novo, não existe monotonia que possa aborrecer-nos no que fazemos, no que planeamos e no que sentimos. A oração quotidiana é verdadeiramente a força da minha vida! *Deus é o nosso fim e a nossa Felicidade!* Como afirma o Fundador, Padre Manuel Formigão.

Passados 25 anos de vida religiosa, sinto que tudo valeu a pena porque Deus é o Presente mais presente. A vida de Reparação ao jeito de Nossa Senhora de Fátima é uma entrega total aos mais pobres, não só de alguns bens, mas de todos os bens! – *Quereis oferecer-vos a Deus?* – *Sim Queremos!* Um apelo de Nossa Senhora aos Pastorinhos de Fátima, que hoje se repete na minha vida!

Não quero terminar a minha jornada existencial ao jeito de François Mitterrand, que na fase terminal da sua passagem pelo mundo, disse: *“Comprendemos sempre tarde demais que o maravilhoso reside no instante”*. Cada momento é uma luz de amor na minha consagração, que permite que o momento presente seja eterno e simples, porque abençoado pela minha coragem e doação e por Deus, que me acompanha em todos os momentos

Agradeço a todos sem exceção pela amizade, amor, compreensão e apoio ao longo destes 25 anos de vida religiosa. Aos meus pais que me deram a vida e que velam por mim e pelos meus irmãos e família. A todas as irmãs da Congregação, o meu muito obrigada pelo seu testemunho de doação e de generosidade, em especial às primeiras irmãs, que nos deixaram a herança da Reparação em amor. Às jovens aspirantes e postulante em formação, que iniciam a sua caminhada vocacional, desejo coragem e perseverança e muita fé no Senhor Jesus, a única razão do nosso Sim!

Aos meus familiares e amigos que me acompanham sempre, mesmo sem compreender bem a minha vida e a minha opção vocacional, agradeço com todo o meu coração e rezo a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, pedindo a bênção para todos. A Deus que me deu tudo, a minha gratidão com a entrega do meu Sim para sempre: Eternamente em Ti!

Grata por tudo!

Cristina Paula Duarte Macrino, rf

Missionária em caminho há 25 anos

LÍDIA BRANCO

«**A**bandonar tudo e dar-se Àquele que nos escolheu» escreveu o Pe. Formigão. Foi assim o percurso que realizei durante os 25 anos de vida religiosa, que hoje celebro com alegria e festa. Vivo em caminho, como uma peregrina que anseia chegar à meta. Na verdade, o Senhor da Messe, olhou com Misericórdia para a pequenina aldeia de Pinelo de onde sou natural, bem longe de Fátima, em Trás-os-Montes, Diocese de Bragança, e convidou vários jovens a segui-Lo na vida Consagrada, cinco para a vida sacerdotal e quatro jovens meninas para a vida religiosa.

O Dr. Formigão esteve ao serviço da Diocese de Bragança durante nove anos e foi espalhando a semente da vida Consagrada pelas várias aldeias e lugares. Sei que apenas a primeira jovem que seguiu vida religiosa se encontrou com ele algumas vezes, e as outras foram cativadas pelo seu testemunho. Bento XVI com muita sabedoria afirma que: *"A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração e a Fé transmite-se por atração, isto é, pelo testemunho!"*

Lembro-me que o primeiro sinal da minha vocação surgiu pela pregação de um missionário de África, que foi à minha aldeia, e pela presença de uma irmã, que estava em casa, a cuidar do seu pai. Senti-me interpelada também pelas notícias que chegavam sobre alguns países em guerra. Mas, como declarar este sonho que começou a preencher os meus dias: *também*



[Foto_STELLA]



que com a ajuda de Jesus e sua Mãe seríamos capazes de levar a bom termo esta Missão. Inaugurámos a nossa casa com o nome " Comunidade dos Pastorinhos de Fátima" e ali permaneci cerca de doze anos. Desenvolvemos um trabalho pastoral muito intenso, inseri-me no Secretariado Diocesano de Catequese, na pastoral dos doentes, nas atividades de promoção humana e social e na promoção vocacional. Iniciámos ainda um Centro Infantil, para ocupar as crianças que andavam na rua o dia inteiro.

Em 2017, regressei a Fátima, ao "altar do mundo", ao "colo materno" para exercer a minha missão reparadora e missionária na comunidade Pe. Formigão com a presença de Irmãs de várias idades e à formação das jovens aspirantes provenientes de Timor e Angola.

Agradeço a Deus e a todos quantos foram mediação da vontade de Deus ao longo destes 25 anos. Agradeço com especial carinho aos meus pais, pois deles continuo a receber a vida e a fé. Estou consciente de que a obra é de Cristo e que eu apenas transporto este tesouro num "vaso de barro".

Continuo a oferecer tudo por Maria e pelo Reino de Deus, neste especial "Ano Missionário!"

quero ser missionária! Passado algum tempo, decidi em segredo, escrever uma carta à Irmã Delfina, Reparadora de Fátima, que melhor conhecia, a dizer que queria ser religiosa. Como Samuel, só mais tarde percebi, que é através de outros e através dos acontecimentos que o Senhor chama. A história vocacional continua a repetir-se hoje!

A partir da minha consagração, fui enviada para várias comunidades. A primeira foi na Covilhã, durante cinco anos, trabalhei com jovens e crianças em internato e dediquei-me à catequese. Depois fui transferida para o Porto, para o Lar Rosa Santos, para um trabalho muito semelhante. Ao

longo do tempo de formação concluí a licenciatura em Educação Social, que me fez crescer na arte de fazer processos de dinamização cultural e social, aprendi estratégias e metodologias de intervenção social educativa junto das populações vulneráveis e culturalmente diversas, no sentido do desenvolvimento das pessoas e comunidades. Estruturei as minhas capacidades de decisão relativas à melhoria da atitude crítica das práticas profissionais.

No ano 2006, a Congregação convidou-me a ser Missionária em Angola com mais três irmãs. Era necessário fundar a primeira comunidade reparadora em Benguela. Partimos na aventura, confiando inteiramente

Lídia de Fátima Branco, rf

O desejo de seguir Jesus Cristo

JOANA SABINA RAMOS

«**D**evemos fazer de Jesus o termo de todos os nossos esforços (...) Ele chama-nos a todos. Só Ele é fonte que pode matar a sede da alma».
Pe. Formigão

O desejo de seguir Jesus Cristo, não foi algo que nasceu em mim, logo de pequena, mas foi um chamamento que senti, paulatinamente, à medida em que ia refletindo na vida de Jesus, o modo como viveu e como quer que eu viva. Com a ajuda de todos aqueles que Deus colocou no meu caminho, concretamente, os meus Pais, familiares, amigos, catequistas e formadoras que viria a encontrar mais tarde, e claro também as circunstâncias.

O querer saber sempre mais e mais, foi uma das características que assinalou muito a minha infância e adolescência, nada me satisfazia nem mesmo os conhecimentos que adquiria na catequese acerca de Jesus. Sentia dentro de mim uma força que me impulsionava a ir mais além. Tudo me sabia a pouco. Daí que, para preencher aquela lacuna – sentimento de vazio e de insatisfação – que existia em mim, para além da escola, envolvi-me em várias atividades, tanto a nível paroquial, como a nível social, mas nem assim sentia aquela felicidade e liberdade que tanto ansiava! Estou a falar de uma menina de 14 anos de idade. Foi nesse período, difícil e turbulento que comecei a questionar-me seriamente sobre qual seria a vontade de Deus para comigo e qual a minha missão nesta terra.

Conheci as Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, residentes



[Fotos_STELLA]

em Benguela, minha terra natal, e através das irmãs, soube da bela e atual espiritualidade do carisma que as motiva: a Vida de Reparação com origem na Mensagem de Fátima e na vida dos três pastorinhos. Entusiasmada por aquela tão bela missão, pedi a admissão e, depois de cumpridos os requisitos exigidos pela superiora da Casa – na altura era a Irmã Lídia Branco – entrei como interna no dia 05 de fevereiro de 2013. Comecei a caminhada de discernimento vocacional como aspirante. Depois, já em Portugal, continuei com a formação Humana, Teológica, Espiritual e Cultural já nas etapas seguintes do Postulantado e do Noviciado.

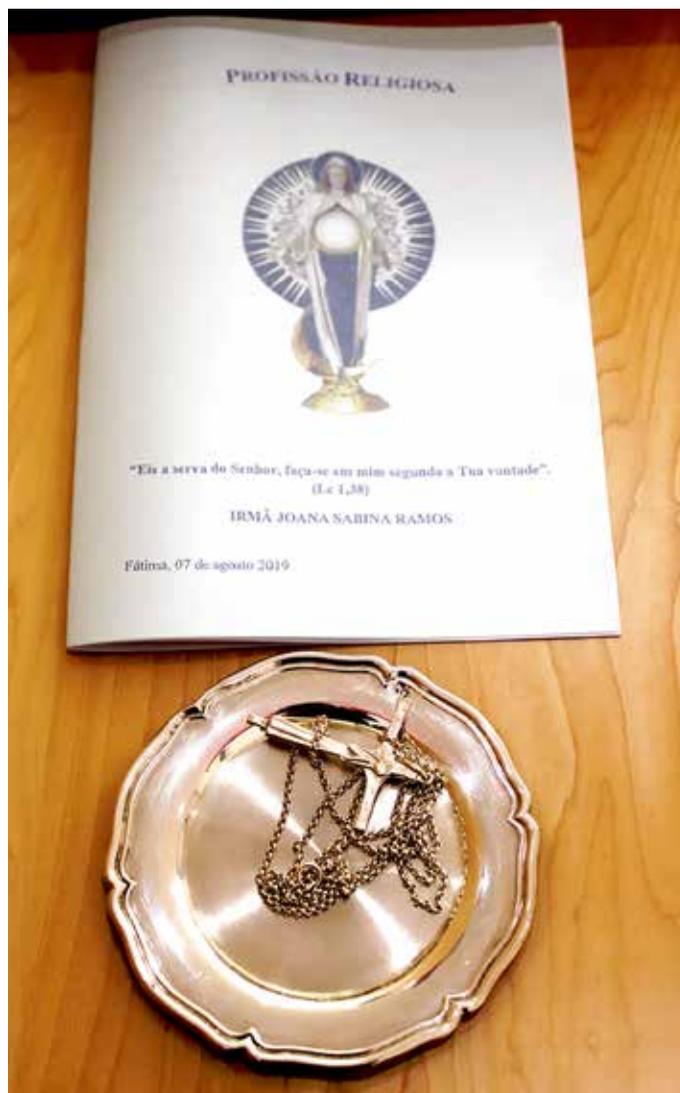
Ao longo deste tempo de discernimento formativo, vi-me na lista daquelas que são chamadas a trilhar um caminho de entrega radical. Como o chamamento de Deus não é algo de abstrato na minha vida, este chamamento manifestou-se sobretudo no facto de querer viver a medida alta do Evangelho. Entregar, a exemplo de Jesus, a minha vida em favor da humanidade, e continuar a Sua missão Salvadora neste mundo, cada vez mais dilacerado pelo pecado, sabendo que o tempo é breve, e que neste mundo tudo passa, só o amor (Deus) é que permanece. Tudo o que desejo é acertar na minha resposta a Deus, acertar no caminho que Deus, desde o princípio do mundo, antes mesmo de eu ter nascido, traçou para mim e apostar sempre num caminho de autêntica liberdade.

E, chegada ao fim da etapa do Noviciado, importa tomar uma decisão. Fazer uma opção na vida é sempre difícil, pois compromete-me a algo. Aceitei **livremente** decidir-me por Jesus Cristo, e viver os conselhos evangélicos de Castidade, Pobreza e Obediência, na Festa da Primeira Profissão Religiosa, no passado dia sete de agosto do corrente ano (2019).

«A vida ninguém me tirou, fui eu que a restituí livremente a Cristo, Ele seduziu-me, atingiu-me!» Agora, à semelhança de S. Paulo, sou eu que corro para ver se O alcanço, uma vez que por Ele fui alcançada (cf. Fl 3,12).

Muito mais poderia dizer sobre a “reviravolta” que Deus fez na minha vida, mas o mais importante para mim, não está no dizer mas no viver.

Vou concluir este pequeno testemunho, agradecendo do fundo do coração todo o amor, a coragem, o acolhimento e



paciência que recebi da parte da Congregação, dos meus familiares e amigos e de todos os que passaram na minha vida ao longo destes anos. A todos dirijo a minha gratidão jubilosa. Peço a vossa oração por mim, para que eu seja fiel e prossiga na vida, fazendo somente aquilo que for da vontade de Deus a meu respeito.

Ir. Joana Sabina Ramos, rf.

Depois da sociedade do cansaço, uma nova oportunidade com a IA

TERESA LAGO



Abertura do Encontro da Academia Pontifícia da Vida

No nosso corre-corre diário, sentimos-nos desafiados com solicitações, informações, ofertas, consumos e emoções que, em excesso, conduzem algumas pessoas para a fadiga e o cansaço, conforme defende o filósofo contemporâneo germano-coreano Byung-Chul Han. Este filósofo inovador considera que cada época tem as suas doenças características, que podem revelar as suas vulnerabilidades e algo mais profundo. Neste início do século XXI, com as suas patologias neuronais (depressão, perturbações da atenção, síndrome do desgaste profissional, entre outras), ele considerou que o cansaço é a patologia que o representa.

Este círculo vicioso atual dos excessos e do cansaço, que pode ir esvaziando por dentro, estava a pedir mais uma revolução tecnológica, profundamente humana, porque vitória do espírito sobre a matéria, para poupar fadigas, reduzir riscos e melhorar as condições de vida.

É neste contexto que surge a inteligência artificial (IA), em que o homem consegue potenciar ativos intangíveis como dados, algoritmos e plataformas digitais e transformá-los em fatores de produção, em todas as áreas de atividade.

Mas a IA cria novos desafios, anseios e preocupações éticas, sentidas por alguns intervenientes, como Elon

Musk, CEO da Tesla, que exige regulação imediata, por considerar que o mau uso da IA é um risco para a existência da civilização, que pode ser manipulada pela desinformação.

A Microsoft e o Vaticano lançaram agora, em parceria, um prémio para a "ética na inteligência artificial". O Papa Francisco também já tinha promovido este ano, em Roma, o Seminário sobre "Roboética: Humanos, Máquinas e Saúde".

Os desdobramentos do uso da inteligência artificial no futuro foi um dos temas do encontro com o Papa Francisco com renomados cientistas.

Na abertura da reunião, o papa Francisco apresentou uma carta "à comunidade humana", na qual menciona o paradoxo do "progresso" e adverte contra o desenvolvimento de técnicas sem antes pensar nos impactos negativos que elas podem ter na sociedade.

Ele também enfatiza a necessidade de se estudar novas tecnologias, sejam elas de comunicação, biológicas, robóticas ou nanotecnologias. "Antes de tudo é preciso compreender as transformações que se anunciam nestas novas fronteiras, para identificar como orientá-las ao serviço da pessoa humana, respeitando e promovendo a sua intrínseca dignidade. Uma tarefa muito exigente, dada a complexidade e a incerteza sobre os desenvolvimentos possíveis", diz a carta de Francisco.

Finalmente, no dia 22 de maio, a OCDE anunciou princípios básicos para o desenvolvimento da inteligência arti-

[Fotos_Ecclesia]



Reunião da Academia Pontifícia da Vida



Papa Francisco com Brad Smith presidente da Microsoft

ficial, assinados já por 42 países, que se comprometeram com uma gestão responsável dos sistemas de IA, que os tornem robustos, seguros, justos e de confiança. Este documento também recomenda aos governos a promoção de várias ações que incluam, entre outras, o desenvolvimento das capacidades humanas e a preparação para a transformação do mercado laboral.

Depois da sociedade do cansaço, surge uma nova oportunidade para a mudança, se fizermos bom uso da IA. Podemos utilizá-la como ferramenta para o desenvolvimento dum mundo com mais sentido e valor, focado na pessoa humana e que promova a sua dignidade.

Como disse Angel Gurría, com a IA nós poderemos potenciar um crescimento inclusivo, um desenvolvimento sustentável e de bem estar, que coloque os humanos no seu centro, e em que a justiça, transparência, segurança, proteção e responsabilização sejam princípios básicos.

Eng. Teresa Lago
Membro da Comissão Diocesana Justiça
e Paz de Coimbra.

Sou um peregrino nesta terra...

CARLA RAMOS

Senhor, assim Vos louva o peregrino: *“Os teus preceitos são o motivo dos meus cânticos na terra do meu peregrinar”* (Sl 119, 54). Como imagem do caminho para a Jerusalém Celeste, viajar para percorrer com devoção um lugar sagrado é o anseio do peregrino católico. No entanto, para um cristão, de entre os principais locais de fé, destaca-se a terra que Jesus Cristo santificou com a Sua Divina Humanidade e Santíssima Presença. Assim, como outrora, os peregrinos da Terra Santa regozijam-se: *“A nossa boca encheu-se de sorrisos e a nossa língua de canções. (...) o Senhor fez por nós grandes coisas; por isso, exultamos de alegria”* (Sl 126, 2-3).

Integrados no grupo da Paróquia de Azóia e Barosa, com o acompanhamento espiritual do Padre André Batista, percorremos a Terra Santa, compreendendo-se muito claramente que seguir os passos de Jesus implica viver física e espiritualmente o Evangelho, conforme nos diz o Senhor através do salmista: *“Vou ensinar-te e mostrar-te o caminho que deves seguir”* (Sl 32, 8). Deste modo, com a leitura das respetivas passagens bíblicas, peregrinámos ao longo de uma semana, de 19 a 26 de agosto, pelos diversos lugares onde Jesus Cristo encarnou, nasceu, cresceu, ressuscitou

e ascendeu ao Céu. Por isso, como membros do Seu Povo, Deus também nos revelou o verdadeiro caminho da Terra da Promissão: crer, amar, seguir e imitar sempre Jesus. Desta forma, querendo seguir a Cristo e aos Seus Apóstolos estivemos em Jaffa (antiga Jope), em Cesareia Marítima e em Haifa, no Monte Carmelo. De Nazaré na Galileia, onde nos encontrávamos hospedados perto da Igreja da Anunciação, fomos a Caná, ao Monte Tabor, a Cafarnaum, a Tabgha (Milagre da Multiplicação), ao Monte das Bem-Aventuranças e ao Lago da Galileia, que navegámos de barco. Rumo à Judeia viajámos junto ao rio Jordão até ao local do Batismo de Jesus para renovarmos as nossas promessas batismais. Ainda na zona de Jericó vimos o Monte das Tentações e estivemos em Qumran, onde foram encontrados os manuscritos do Mar Morto.

No decurso deste longo caminho tudo foi ganhando um sentido cada vez mais profundo: *“Meditamos, ó Deus, sobre o teu amor, no interior do teu templo”* (Sl 48, 10). No Muro das Lamentações colocámos as nossas preces, mas foi nos Templos Santos do Senhor que O louvámos e adorámos, porque mesmo na Terra Santa a maior de todas as graças e bênçãos é a celebração diária da Eucaristia. A primeira ce-



[Fotos_STELLA]

lebração da santa missa ocorreu na Igreja de São Pedro em Jope, no segundo dia foi ao ar livre no Monte das Bem-Aventuranças e no terceiro dia realizou-se em Nazaré na Igreja de S. José (construída sobre a sua carpintaria). No quarto dia celebrou-se na Capela de Santa Helena em Belém (na Igreja da Natividade) e no dia seguinte na Capela do Cenáculo, no Monte Sião (pertencente à Custódia da Terra Santa). A Eucaristia Dominical realizou-se na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, pelo que podemos meditar neste salmo: “Deus deu-se a conhecer em Judá, grande é o seu nome em Israel. Em Jerusalém fixou o seu santuário e a sua morada em Sião” (Sl 76, 2-3). De facto, ao avistar Jerusalém, o nosso grupo peregrino cantava: “Que alegria, quando me disseram: «Vamos para a casa do Senhor!»” (Sl 122, 1). E ao andarmos pelo Monte Sião e pelo Bairro de Ofel (o dos judeus) fizemos como neste salmo se proclama: “Percorrei Sião, caminhai em seu redor e contai as suas torres; fixai a vossa atenção nas suas muralhas, contemplai os seus palácios, para poderdes narrar às gerações futuras que este Deus é o nosso Deus, pelos séculos sem fim. É Ele o nosso guia!” (Sl 48, 13-15). Como afirma o salmista sentimo-nos sempre guiados, acompanhados e protegidos por Deus: “Como Jerusalém rodeada

de montanhas, assim o Senhor protege o seu povo agora e para sempre” (Sl 125, 2). E continuando em torno de Jerusalém, a sudoeste, visitámos ainda Ein Karen, para onde Maria se pôs a caminho, dirigindo-se à pressa para a montanha, entrando em casa de Zacarias e saudando Isabel, sendo esta a terra natal de São João Batista. A sul, em Belém pernoitámos junto à Igreja da Natividade. Dali partimos diversas vezes rumo à cidade santa, onde fizemos a Via Dolorosa, meditando-a com a Mãe do Salvador, e como Maria Madalena e as santas mulheres também vimos o túmulo que O Ressuscitado deixou vazio.

Com fé redobrada pelo nosso peregrinar continuamos a orar: “Elevai as vossas mãos em oração e bendizei o Senhor! De Sião te abençoe o Senhor, que fez o céu e a terra” (Sl 134, 2-3). “Possas contemplar a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida” (Sl 128, 5). Mas para que em vez de muros, por lá se construam pontes, com este salmo elevamos a nossa última súplica ao Senhor: “Ó Deus, livra Israel de todas as suas angústias!” (Sl 25, 22).

Carla Ramos, peregrina da Terra Santa.





Espaço Padre Formigão

Casa do Apóstolo de Fátima



Horário
todos os dias
9:00 – 18:00

Entrada Livre

Casa N.º S.ª das Dores – Irmãs
Reparadoras de N.º S.ª de Fátima
Rua Francisco Marto, 203
Fátima

marcação de visitas para grupos:
249539240

www.reparadorasfatima.pt



Alvará nº 35593

construções

divireis

www.divireis.pt

Av. Beato Nuno, Edf. Sol Nascente, n.º 348 B
Cova da Iria – 2495-401 FÁTIMA
Telf.: 249 531 211 • Fax. 249 538 357 • www.divireis.pt

MUITO MAIS QUE O SIMPLES OLHAR



rosa d'ouro

FÁTIMA Rua dos Monfortinos 249 530 080

NAZARÉ Rua dos Galeões | Edifício SolMar, loja 3 262 561 689

www.optica-rosadouro.pt



Coelho & Sá, L^{da}

INDÚSTRIA ALIMENTAR

Padaria e confeitaria
conservas de frutos em calda e cristalizados
doces, frutas secas e amêndoas

Rua Jacinta Marto, 78 – R/C – 2495-450 FÁTIMA
Tel. Fáb. 249 532 045 • Fax. 249 531 445
Serv. Com. 249 532 447 • coelhoesa@telepac.pt

COLORFOTO

□ ■ ■ FOTOGRAFIA E VIDEO

Colorfoto - Fotografia e Video

Morada Praça Paulo VI, n.º. 9 - 2495-409 Fátima

Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt



Rua de Santo António
2495-430 Fátima
Tel.: 249 530 110 | Fax: 249 530 119
www.hotelstmaria.com | info@hotelstmaria.com


Hotel Santa Maria
FÁTIMA
★★★★

Avenida D. José Alves Correia da Silva
2495-402 Fátima
Tel.: 249 530 120 | Fax: 249 530 129
www.hotelsaojose.com | info@hotelsaojose.com

hotel  são José
FÁTIMA
★★★★

A maior Paramentaria da Europa

PARAMENTARIA DE FÁTIMA

Estrada de Leiria – Apartado 70 | 2496-908 Fátima – Portugal | TELEF 249 532 350/1 – FAX 249 532 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com

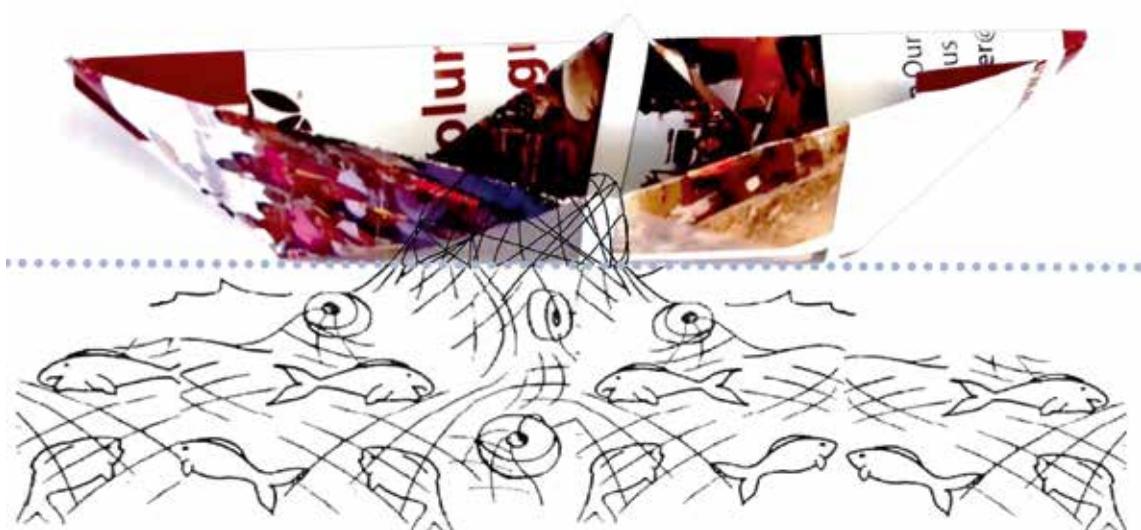
pedo  Jovem
clínica médica e dentária

Diretora Clínica
Dra. Paula Marto



CONSULTAS_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h
Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima * telf./fax 249 531 275 * telm. 969512482 * email: pedojovem@hotmail.com

TERRA SANTA 2019



Composição da autoria de Carla Ramos a partir de um barquinho de papel 3D do Padre André Batista.